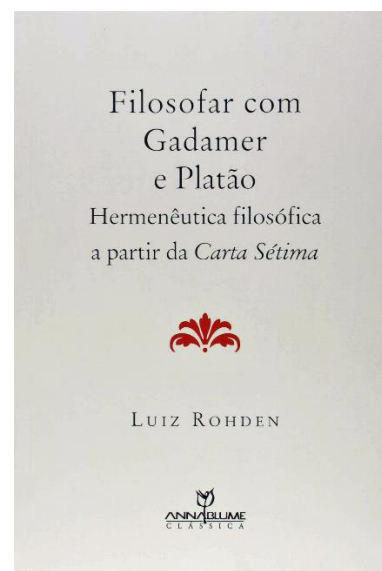


RESENHA



ROHDEN, Luiz. *Filosofar com Gadamer e Platão: Hermenêutica filosófica a partir da Carta Sétima*. São Paulo: Annablume Clássica, 2018. 244p.

Prof. Ms. Evandro Pegoraro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS¹

Publicado pela editora Annablume em 2018, o livro *Filosofar com Gadamer e Platão: hermenêutica filosófica a partir da Carta Sétima*, surge como impulso renovado à consolidação dos estudos de Hans-Georg Gadamer no Brasil. Seu autor, Luiz Rohden, professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, é destacado nacional e internacionalmente como um profícuo hermenêuta nas pegadas do filósofo alemão. Escrito sob a supervisão de Dennis Schmidt, professor e pesquisador da Universidade de Western Sydney (“[...] um dos mais autorizados filósofos contemporâneos no campo da hermenêutica”, conforme a apresentação redigida por

¹ Email: maestroev@hotmail.com.

Marcelo Perine, PUC-SP), o trabalho é um entrelaçamento entre a hermenêutica filosófica de Gadamer e a *Carta Sétima* do filósofo grego Platão e está dividido em sete capítulos.

O capítulo 1 – *Filosofia enquanto Fenomenologia e Hermenêutica à luz da Carta Sétima de Platão* – trata do que não é filosofia a partir de Platão, de modo especial, mas com o auxílio de Erasmo de Rotterdam, Arthur Schopenhauer e do filósofo brasileiro Oswaldo Porchat. Em primeiro lugar, ela não pode ser praticada por tiranos presunçosos, que acreditam somente neles mesmos. Foi justamente isto que aconteceu com Dionísio de Siracusa, que quis aprender a filosofia, mas não teve, em nenhum momento, abertura para viver filosoficamente conforme o que Platão tinha a oferecer. Em segundo lugar, a filosofia nunca deve visar o lucro, a riqueza material, pois filosofar não consiste em dominar e expressar chavões pomposos para arregalar os olhos dos ouvintes. Recitar fórmulas prontas não é seu sinônimo, mas de especialista de certo saber. É nesse sentido que Porchat afirma que ser filósofo não consiste em dominar e falar sobre a história da filosofia, postura que ele criticou na Academia da qual fazia parte. Erasmo chama de presunçosos os filósofos que acreditam possuir a última palavra acerca da realidade e a transmitem como sendo a verdade. Ele põe no mesmo nível de presunção o filósofo e o ditador, pois ambos usam do autoritarismo. Por fim, Schopenhauer, assim como já dito a partir de Platão, diz que o filosofar não deve estar ao serviço do dinheiro. Para ele, o filósofo que busca lucro na sua atividade não é filósofo, pois a filosofia não pode ser tratada como mercadoria. A partir do visto acerca da negação da filosofia o autor passa a delinear a sua afirmação.

254

O capítulo 2 – *Hermenêutica em resposta ao elogio da verdadeira filosofia da Carta Sétima de Platão* – trata do que seja a filosofia. Ela busca uma vida feliz, não baseada em banquetes fartos regados aos prazeres sensuais. A vida filosófica pressupõe hábitos saudáveis. Ela não é abstrata, é concreta, diz respeito ao modo como as pessoas vivem, ética e politicamente. No sentido político estatal Platão foi para Siracusa porque defendia a tese de que nenhum governo deveria tomar decisões arbitrariamente, mas de acordo com as leis e sobre a égide da justiça. Conforme ele, agindo filosoficamente o governante torna-se modelo de vida ética e justa para os seus concidadãos. Afetado pela filosofia ele não governa arbitrariamente, mas de acordo com leis bem elaboradas e a justiça. Ela faz com que o líder político faça bom uso do poder, no sentido de ouvir e usar a sabedoria, adquirindo condições de conhecer a justiça e praticá-la. Nele a filosofia nasce do filosofar que brota da alma. Ali está a sua semente enquanto um filosofar. Foi na tentativa de fazer com que os siracusanos fossem governados pelos ideais da liberdade, da justiça e da felicidade que Platão foi para lá três vezes. Seu objetivo fracassou, mas o seu ideal, baseado na sua experiência, faz com que muitos, ainda hoje, vejam na sua carta uma referência em relação à busca de uma sociedade melhor. A filosofia está, portanto, ao serviço da política, pois ela faz com que o governante governe pautado pelos ideais da justiça, da liberdade e da felicidade. Embora a tentativa de Platão tenha esbarrado na arrogância do tirano Dionísio, ela ficou registrada na carta sete e toca, hoje, os seus leitores atentos.

O capítulo 3 – *Filosofia enquanto exercício hermenêutico: Movimentos, momentos e método (s) da dialética* – trata dos dois momentos do movimento do método dialético, o descendente e o ascendente. O descendente, também, denominado de dialógico, diz respeito ao seu aspecto prático. O movimento ascendente por sua vez está dividido em cinco passos: a) nome ou palavra (*onoma*); b) definição ou determinação conceitual (*logos*); c) imagem, exemplo ou figura (*eidolon*); d) opinião verdadeira, o saber ou a inteligência e, por fim, e) o objeto (a coisa mesma). Nota: separamos aqui movimento descendente e ascendente somente por questão didática de explanação, pois ambos não se dissociam, mas se complementam. Trata-se do método dialético enquanto base da racionalidade metafísica dialética. Platão não foi para Siracusa ensinar uma filosofia abstrata. Ele foi com o intuito de oferecer uma alternativa àquela realidade decadente moral e politicamente. Esse é o caminho descendente do método dialético platônico. Platão tinha os pés no chão! Ele queria, concretamente, que o tirano Dionísio aplicasse o ideal do governante filósofo através da metafísica dialética, desejando ardentemente que os siracusanos vivessem baseados nos ideais da liberdade e da justiça, por isso buscou levar ao conhecimento do tirano tais ideias para que pudesse administrar de acordo com elas. Platão sabia bem que uma cidade governada sem justiça seria infeliz. Ele não foi platônico, teórico-idealista, mas, antes, dialético-dialógico.

Continuando o tema do capítulo anterior, o capítulo 4 – *Dialética, hermenêutica e verdade: Linguagem da meta da dialética ascendente* – trata da linguagem do quinto momento do método dialético (ascendente) que possui foco no objeto (a coisa mesma). O uso das metáforas da faísca (fogo), da semente, da iniciação à sabedoria, e do salto, tornam-se meios expressivos desse momento, no qual vemos as coisas intuitivamente tal como elas são. O fato de Platão usar essas metáforas para tratar do quinto ponto do método dialético ascendente indica a dificuldade de o traduzir. Trata-se de uma tentativa de exposição do nível mais sério do método. Nesse capítulo são expressivas as citações do professor da Universidade dos Estudos de Milão Franco Trabattoni, em especial, e do filósofo francês Victor Goldschmidt.

O capítulo 5 – *Sobre a síntese da dialética e o sentido da hermenêutica: Meta do movimento dialético ascendente* – trata do sentido e da síntese enquanto metas, respectivamente, da hermenêutica de Gadamer e da dialética ascendente de Platão. Ambas não são definitivas, acabadas. O ápice da dialética ascendente exige o caminho de descensão se pretende autenticidade, concretude, verdadeiro. O mesmo vale para o sentido. Não há “o” sentido, definitivo, acabado. Não há ascensão apenas, nem descensão apenas. O que há, de verdade, é ascensão/descensão concomitantemente, constituindo-se como dois momentos indissociáveis. Na mesma esteira, o sentido alcançado sempre se torna passível de superação. Sentido e síntese são tomados como horizonte de chegada e ponto de partida num movimento ininterrupto. Nas considerações finais do presente capítulo Rohden escreve: “A meta de ambas (dialética e hermenêutica) se converte numa nova tese, a qual é tomada como um porto de chegada e concomitantemente de partida em tempos distintos” (p. 180).

No capítulo 6 - *Metafísica dialética e hermenêutica filosófica enquanto exercícios teórico-práticos* - o tema é a metafísica dialética. Luiz Rohden desenvolve argutamente a apropriação de Gadamer da importante carta de Platão. Ali, metafísica, não possui o adjetivo de abstrata, metaempírica, mas de conhecimento das coisas tal como elas são. Trata-se do estudo das coisas mais importantes, o que, a partir da *Carta Sétima*, denomina-se de ideia do bem, traduzida pela busca dos princípios da liberdade e da justiça. É um erro dizer que Platão ficou enclausurado no seu mundo das ideias. Ele realizou a ascensão a elas, mas não permaneceu nelas, pois pressupôs também o movimento de descida/descensão. Ascensão e descensão são indissociáveis para Platão. Nesse sentido é que se pode falar de metafísica dialética como um caminho de ida e volta, de vai e vem, enfim, de subida e descida. Logo: "Tanto em Platão quanto em Gadamer, o filosofar - leia-se, o fazer metafísica - implica uma postura teórica e prática do filósofo" (p. 199).

Por fim, no capítulo 7 - *Entrevista com Dennis Schmidt sobre Hermenêutica Filosófica e este livro* -, Luiz Rohden apresenta a entrevista que realizou com Dennis Schmidt, do qual foi orientando enquanto professor visitante na Penn State University (EUA), sobre hermenêutica filosófica e este livro. Sendo um dos grandes expoentes da hermenêutica filosófica atualmente e por ter convivido com Gadamer, interessantíssimos são os adjetivos acerca do modo de ser de Gadamer ali apresentados (mente aberta, dialógico, ouvinte, envolvente). Trata-se de um testemunho valoroso de alguém que se sentiu profundamente tocado pelo filósofo centenário. Outros assuntos ali abordados são a situação da hermenêutica filosófica e da filosofia atualmente.

Enfim, o presente livro não trata de teoria apenas, mas de teoria baseada em diálogos amistosos travados com o filósofo centenário e uma dedicação investigativa dos seus pupilos que atinge paulatinamente consistência. Trata-se de uma obra fortemente recomendável aos interessados em filosofia e, especialmente, em hermenêutica filosófica. Estamos diante de uma obra que revela em toda a sua envergadura a apropriação de Gadamer de um dos alicerces da filosofia grega antiga, Platão, a partir da *Carta Sétima*. Conforme consta no prefácio, este foi um dos objetivos que levou o autor a escrevê-la, a saber, "aprofundar e divulgar a contribuição de Gadamer acerca das pesquisas sobre a obra de Platão". Trata-se de ver Gadamer como platônico do século XX. Luiz Rohden apresenta ao público brasileiro uma obra que resulta do seu trabalho como pesquisador, professor e um apaixonado pela filosofia. Vemos no seu trabalho consonância entre teoria e prática e podemos dizer, sem dúvida, que o seu filosofar é decorrência de um modo de viver. (*Carta VII 334 b-c*).

256

Submetido: 21 de janeiro de 2020

Aceito: 19 de fevereiro de 2020

RESENHA

ROHDEN, Luiz. *Filosofar com Gadamer e Platão*